

O homem fita espantado as nebulosas
Bailando em formações maravilhosas,
E vê-se um verme à frente do Destino...

- Ante o excelso esplendor finda-se o engano...
13 Como se faz pequeno o orgulho humano!
Como se torna imenso o Amor Divino!



OSCAR Amadeu LOPES Ferreira *



SERENIDADE

- Mostras gesto revolto, olhar assustadiço,
2 Trazes velha aflição que a tudo atinge e invade,
Caminhas torturando o mundo em desserviço,
Gerando agitação, desânimo, ansiedade...

Dissipas vida, carne e tempo em rebolço.
Asserena-te, espera!... Assim qual és, quem há-de
Aconselhar-te, irmão, a que te deixes disso,
Se não sentes, sequer, a própria realidade?

(*) Bacharel em Direito, poeta, jornalista, cronista, contista, dramaturgo e conferencista, Oscar Lopes foi o primeiro presidente efetivo da Sociedade dos Homens de Letras, no Rio de Janeiro. Nessa cidade viveu desde a meninice, e aí iniciou e concluiu a sua formação literária. Foi redator da *Gazeta de Notícias* e do *Brasil*, cuja seção literária e artística lhe cabia, e ainda colaborou em *O Paiz*, no *Kosmos*, na *Renaissance* e outras publicações da então Capital Federal. «Como cultor das

cidade. Veio a ser presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Possuía numerosos títulos honoríficos. Foi um dos primeiros esperantistas no Brasil. A sua musa era natural e espontânea, clara e simples. Rodrigo Octávio Filho, à beira do túmulo do grande brasileiro, afirmou: «Afonso Celso foi poeta, e emocionou. Foi mestre, e ensinou. Foi patriota, e pregou.» (*Apud Homenagem à memória do Conde Affonso Celso*, pág. 35.) (Ouro Preto, Minas Gerais, 31 de Março de 1860 — Rio de Janeiro, Gb, 11 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Prelúdios*; *Devaneios*; *Telas Sonantes*; etc.

2. Observe-se a aliteração em s.
13. Antítese.

Vocação de corisco a tremer cada instante,
Amargas sono inquieto e fôlego expirante.
11 Senta-te, amigo, e ora! Acalma-te, medita!...

Plantas em cada passo um triste desengano!
Porque pressa? Se a morte é o fim do corpo humano,
A alma prossegue, além, na jornada infinita!...



LULU PAROLA (ALOÍSIO LOPES PEREIRA DE CARVALHO) *



CONFISSÃO

2 Quando a cela de carne vira pó,
A gente volta vivo para cá,
Lembrando com saudade de dar dó
Essa bóia daí que aqui não há...

Moqueca, caruru, mãe-benta, efó,
Quibebe, canjiquinha, munguzá,
Sequilhos, abará, manuê, bobó,
Tutu, acarajé e vatapá...

Vivo morto de fome por aqui!
Para que eu não emburre igual guri,
E' preciso ter muita e muita fé...

musas, guardou-se nos páramos da beleza parnasiana. Era ourives cioso trabalhando o ouro de lei das suas poesias. Elísio de Carvalho, que lhe apreciou cuidadosamente a obra poética, afirma que «Oscar Lopes, com ser um artista meticoloso e fleumático, é um pintor de tintas delicadas, um aquarelista elegante, uma paisagista exímio».» (apud *Antologia Cearense*, pág. 370.) (Fortaleza, Ceará, 31 de Dezembro de 1882 — Rio de Janeiro, Gb, 1º de Outubro de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Medalhas e Legendas*; *O Albatroz*; *Seres e Sombras*; etc.

2. ...que a tudo atinge... Sobre o verbo *atingir* regido da preposição *a*, veja-se a "Nota" de Francisco Fernandes, correspondente ao verbete, em seu *Dicionário de Verbos e Regimes*.

11. Leia-se com hiato:

"Sen/ta/te a/mi/go e/ o/ra a/cal/ma/te ,/me/di/ta".

(*) Devotado jornalista, e poeta de humor fino e original. Man teve, de 1891 a 1919, uma seção diária de versos humorísticos no *Jornal de Notícias*, de Salvador, intitulada «Cantando e Rindo», assinando-a Lulu Parola, pseudônimo literário com que se popularizou. Foi um dos